

## RESENHA

**The making of global international relations: origins and evolution of IR at its centenary**, por Amitav Acharya; Barry Buzan. Cambridge: Cambridge University, 2019. ISBN 978-1-108-72711-2

Resenhista:

**Guilherme Ziebell de Oliveira<sup>1</sup>**

Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre - RS – Brasil

O ano de 2019 marcou o centenário do nascimento das Relações Internacionais (RI). Ao menos esse é o “mito fundador” da disciplina, retratada, frequentemente, como tendo sido criada com a fundação, em 1919, do Departamento de Política Internacional e da Cátedra Woodrow Wilson em Política Internacional na Universidade de Gales, em Aberystwyth, como uma resposta à catástrofe representada pela Primeira Guerra Mundial. Partindo do questionamento de tal narrativa, a obra *The making of global international relations: origins and evolution of IR at its centenary*, de Amitav Acharya e Barry Buzan, busca revisitar a história e a evolução das RI, se propondo, por um lado, a evidenciar a ligação existente entre os desenvolvimentos das Relações Internacionais enquanto disciplina e as relações internacionais enquanto prática política, do século XIX aos dias atuais e, por outro, fazer um resgate do pensamento sobre RI desenvolvido na periferia (o mundo não-Occidental, para os autores) no mesmo período. O objetivo principal dos autores, nesse sentido, é demonstrar como as RI foram, ao longo do tempo, um reflexo da ordem vigente em cada época, e como as transformações contemporâneas vividas pelas relações internacionais têm impactado (e devem transformar) as RI.

Além de uma breve introdução, o livro está dividido em dez capítulos, que por sua vez podem ser divididos em cinco pares. Os dois primeiros capítulos formam o primeiro par, que trata do período que se estende do século XIX até o ano de 1919. O segundo par, composto pelo terceiro e o pelo quarto capítulos, discute o período que vai do pós-Primeira Guerra Mundial até 1945. O terceiro par, formado pelos dois capítulos subsequentes, aborda os anos que vão do pós-Segunda Guerra Mundial até 1989. O sétimo e o oitavo capítulos compõem o

---

<sup>1</sup> guilherme.ziebell@gmail.com

quarto par, que está centrado no período que se estende do final dos anos 1980 até o final dos anos 2010. Por fim, o quinto par, formado pelos dois últimos capítulos, tem caráter prospectivo, e discute prognósticos e tendências para o período que se inicia a partir do final da década de 2010. Em cada um desses pares, os autores dedicam um capítulo para a evolução das relações internacionais enquanto prática – apresentando seus principais eventos e as transformações ocorridas na ordem internacional – e um para as discussões a respeito das Relações Internacionais enquanto disciplina – buscando identificar os principais temas de reflexão de cada período, tanto no centro ocidental quanto na periferia não-ocidental, e demonstrar sua relação com os desenvolvimentos das relações internacionais naquele período.

Para a construção de seu argumento, os autores se apoiam na divisão temporal desenvolvida por Barry Buzan e Laust Schouenborg no livro *Global International Society, a new framework for analysis* (Cambridge: CUP, 2018), que, apoiando-se nas discussões da Escola Inglesa, identifica a existência, ao longo dos dois últimos séculos, de três versões distintas de Sociedade Internacional Global. A primeira se estenderia do século XIX até 1945, sendo dominada pelas potências centrais do ocidente e caracterizada pela existência do colonialismo (chamada de “1.0” e de “ocidental-colonial” pelos autores). A segunda versão seria a vigente entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a crise econômica global dos anos 2000, tendo como principal diferença o fim do colonialismo, sendo ainda dominada por um centro ocidental (chamada pelos autores de “1.1” e de “ocidental-global”). Por fim, a terceira versão, chamada de “1.2” pelos autores, se estruturaria a partir de 2008, e teria como principal diferença a erosão progressiva da centralidade do ocidente, com a emergência de uma forma mais plural, marcada pela existência de múltiplos centros de riqueza, poder e legitimidade cultural.

Em linhas gerais, o argumento apresentado pelos autores na obra é bastante simples. De acordo com eles, o desenvolvimento da disciplina de Relações Internacionais se deu fundamentalmente associado aos eventos e às dinâmicas de poder das relações internacionais. Do século XIX (quando haveria a formação, pela primeira vez, de um sistema verdadeiramente internacional e, assim, a primeira versão de um Sistema Internacional Global) até o final da década de 1980, as relações internacionais organizaram-se a partir de uma estrutura hierárquica, dividida entre um centro poderoso, formado por países ocidentais (os EUA e a Europa ocidental) e (em certo sentido) pelo Japão, e uma periferia frágil e

subordinada, formada sobretudo por países não-ocidentais. O domínio político, econômico e ideacional dos países do centro mostrou-se fundamental para que as ideias e teorias de RI desenvolvidas na periferia, ao longo desse período, tenham sido largamente ignoradas, com aquelas desenvolvidas nos países do centro consolidando-se como dominantes. Nesse sentido, ainda que o fim da Segunda Guerra Mundial tenha marcado diversas mudanças importantes nas relações internacionais (como a transição do núcleo de poder mundial da Europa para os EUA, o desenvolvimento dos processos de descolonização, a estruturação de uma ordem bipolar e a progressiva emergência da China, entre outros), consolidando a emergência de uma segunda versão de Sociedade Internacional Global, e que as RI tenham passado por uma “segunda fundação”, vivenciando uma grande difusão e institucionalização, a periferia seguiu ocupando um espaço marginal nas relações internacionais – tanto em termos práticos, quanto em termos acadêmicos –, resultado, em grande medida, da manutenção de sua grande fragilidade e poder reduzido.

Um novo cenário teria passado a se estabelecer, paulatinamente, a partir do final da década de 1980 – em um contexto pós-colonial e pós-Guerra Fria –, ficando mais evidente sobretudo a partir da crise econômica mundial de 2008. Para os autores, esse período marcaria uma fase de crescente “democratização” das relações internacionais, com a diminuição progressiva da diferença de riqueza e poder entre os países do centro e os da periferia. O reflexo dessas mudanças nas RI seria perceptível a partir dos crescentes questionamentos, verificados no período, às abordagens *mainstream* do campo, com o surgimento e consolidação de diversas perspectivas alternativas, e uma relativa diversificação das abordagens teóricas do próprio *mainstream*. Apesar disso, Acharya e Buzan reconhecem que as RI seguem sendo uma disciplina primordialmente etnocêntrica, com grande centralidade do pensamento ocidental (sobretudo americano e europeu).

A partir da crise econômica global de 2008, os autores identificam a transição para uma nova versão de Sociedade Internacional Global. Entre suas principais características estaria a progressiva consolidação da ascensão de atores emergentes (*the rise of the rest*), que estaria corroendo a dominação material e ideacional do ocidente, contribuindo para desestruturar a ordem baseada em relações hierárquicas entre o centro e a periferia. Esse processo ocorreria em paralelo com uma profunda crise do neoliberalismo, o que também contribuiria para a ascensão e consolidação dessa nova versão de Sociedade Internacional

Global. Essas transformações, de acordo com os autores, exigiriam (e contribuiriam para) que as RI passassem por uma terceira fundação, com a formação de uma versão Global da disciplina, de forma que ela mantivesse sua relevância no atual cenário de mudança das relações internacionais com a estruturação em curso de uma ordem pós-ocidental. Essa transformação teria como principal desafio o abandono do etnocentrismo que marca o *mainstream* das RI desde a sua fundação, e a adoção de uma perspectiva – especialmente em termos históricos e de teoria política – mais plural e global.

A obra de Amitav Acharya e de Barry Buzan traz contribuições de grande relevância para o estudo das relações internacionais contemporâneas – seja como prática, ou como disciplina. Em um espaço consideravelmente enxuto, os autores conseguem traçar um panorama claro das transformações ocorridas nas relações internacionais desde o século XIX, focando não apenas nos atores centrais – as potências e superpotências –, mas dando especial atenção (e, em certo sentido, centralidade) para o papel ocupado pela periferia nesse processo. Assim, ao fazer uso da ideia de Sociedade Internacional Global, os autores constroem uma sustentação robusta para seu argumento, qual seja, que o espaço marginal ocupado pela periferia (suas teorias, ideias e pensadores) nas Relações Internacionais é um reflexo justamente de sua fragilidade e do espaço por ela ocupado nas relações internacionais; diante disso, a construção de uma ordem internacional mais plural (chamada pelos autores de pós-ocidental) abriria espaço para a (e demandaria uma) maior pluralização das teorias e abordagens da disciplina. Tal argumento é igualmente reforçado pelo esforço realizado pelos autores para trazer à luz as diversas ideias e teorias de RI desenvolvidas tanto no centro quanto, e especialmente, na periferia ao longo de todo o período analisado, o que permite sustentar o argumento de que a criação da Cátedra Woodrow Wilson de Política Internacional, em 1919, representou, não o ponto de partida para as reflexões acadêmicas sobre as relações internacionais, mas sim a formalização da institucionalização de uma disciplina que em termos práticos já existia – com discussões elaboradas tanto nos países do centro, quanto na periferia.

A despeito de inúmeras limitações, em grande medida resultantes da opção por abarcar, de forma simultânea, a evolução histórica das Relações Internacionais tanto enquanto campo de estudo quanto enquanto prática política – o que exige que diversas discussões sejam

apresentadas de forma sintetizada –, trata-se de uma obra de grande relevância para todos os estudiosos das Relações Internacionais.